

BRILHAREMOS NO PALCO DA HISTÓRIA: IDENTIDADE INDÍGENA NA VOZ DE ELIANE POTIGUARA

Jairo Ajala Mielnik¹

Eixo temático: Literaturas Indígena e LGBTQI+

Resumo: A autoria indígena tem contribuído no processo de (re) construção e (re) afirmação das identidades étnicas e culturais. Através de uma análise explicativa busca-se identificar o discurso de identidade no poema “Identidade Indígena”, da escritora indígena Eliane Potiguara, sob o enfoque da identidade étnica e cultural. Percebe-se que através da literatura, os indígenas estão superando o estigma da colonização e recuperando sua autoestima, autonomia e dignidade histórica, tendo como base a luta por seus direitos, através da educação, da organização política e da reafirmação de suas identidades. Contatou-se que as lutas e o protagonismo dos povos indígenas, foram determinantes para assegurar-lhes os direitos que estão firmados na Constituição Federal de 1988, e a autoria indígena, na literatura, tem contribuído para ser uma forte voz de denúncia e resistência. O poema de Potiguara é exemplo de que a identidade é fonte de força para o indígena, identidade esta que é construída no presente com a superação do passado e a esperança de um futuro melhor para os povos indígenas.

Palavras-chave: Literatura Indígena. Eliane Potiguara. Identidade Étnica.

Introdução

Os indígenas têm conquistado cada vez mais o seu espaço nas esferas da política, da educação, das artes e das letras. Eles têm assumido o papel de sujeitos históricos críticos, ao olhar para a imagem construída pela ótica do colonizador e

¹ Tutor/Bolsista da CAPES/UAB pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Mestre em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: jairomielnik89@gmail.com.

questionar a hegemonia da visão eurocêntrica sobre a História e a Literatura. É um novo modo de interpretação histórica, que acontece na visão do outro, o sujeito indígena. Através da autoria e voz indígena, pode-se enxergar o outro lado da História, na visão do dominado, oprimido.

Graças ao protagonismo do movimento indígena na década de 70, os povos indígenas foram reconhecidos como povos originários do Brasil, e tiveram na Constituição de 1988, reconhecidos "sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens" (BRASIL, 1988, art. 231).

De acordo com Stephen Baines (2008):

Para muitas sociedades indígenas as organizações políticas abriram espaços para as lideranças aparecerem como atores políticos nas relações interétnicas com a sociedade nacional, espaços políticos em que buscam visibilidade e reconhecimento a partir da politização da sua identidade étnica (BAINES, 2008, p. 9).

Além do protagonismo político, a autoria indígena tem sido um instrumento de denúncia e de resistência, na reclamação dos direitos dos povos indígenas e na (re) construção e (re) afirmação da(s) identidade(s) étnicas. Desde a década de 70 tem surgido escritores indígenas que se propõem a utilizar a escrita como forma de fortalecer a identidade cultural dos seus povos e de marcar, cada qual ao seu modo, a sua voz no cenário literário nacional.

A identidade indígena é construída no presente com a superação de um passado de subjugação, imposições e perdas culturais, na esperança de um futuro melhor para os povos indígenas, que começa com a liberdade de identidade, liberdade para ser indígena, liberdade para viver de acordo com suas próprias crenças, cosmovisão e cultura. O presente trabalho, aborda a questão da identidade indígena em um poema de autoria indígena. O texto de Potiguara é um texto de confissão, de desabafo e de resistência. É um convite à reflexão, a olhar o sujeito indígena a partir de uma outra perspectiva, a sua própria.

Eliane Potiguara e o livro “Metade Cara, Metade Máscara”

Potiguara adotou esse nome, para homenagear a tribo de onde veio, os Potiguares, da Paraíba. Formada em Letras (Português-Literatura) e Educação, fundou em 1985, o GRUMIN – Grupo Mulher-Educação Indígena, que foi contemplado em 1996 pela comunidade Bah’ai, com o “Prêmio Cidadania Mundial”, pelos trabalhos desenvolvidos em prol das mulheres indígenas do país. A escritora já foi Embaixadora da Paz e trabalhou pela Declaração Universal dos Direitos Indígenas na ONU em Genebra em 2011, e em 2005, foi indicada ao “Prêmio 1000 mulheres para o Prêmio Nobel da Paz”.

O livro de Potiguara não possui uma classificação literária nítida, já que os capítulos estão organizados, numa mistura de poemas, confissões, histórias autobiográficas, informações sobre a situação dos povos indígenas, além de iniciar com a narrativa poética ficcional de Cunhataí e Jurupiranga, um casal que sobrevive à colonização e poeticamente irá nos contar suas dores, lutas e conquistas. O título do quarto capítulo, no qual se encontra o poema objeto de nossa análise, nos dá uma pista para a compreensão da essência do poema-texto de Potiguara: “Influência dos ancestrais na busca pela preservação da identidade – A importância da família, dos avós e antepassados indígenas” (POTIGUARA, 2004, p. 79), que fala da importância da ancestralidade como fator de preservação da identidade étnica.

Ao mesmo tempo em que se fala de identidade étnica deve-se falar de identidades culturais, já que o universo indígena é constituído por uma diversidade de povos, culturas, civilizações, religiões, economias, enfim, uma multiplicidade de formas de vida coletiva e individual, onde “cada povo indígena constitui-se como uma sociedade única, na medida em que se organiza a partir de uma cosmologia particular própria que baseia e fundamenta toda a vida social, cultural, econômica e religiosa do grupo” (LUCIANO, 2006, p. 31). Ainda que exista tamanha diversidade, os povos indígenas compartilham de “interesses comuns, como os direitos coletivos, a história de colonização e a luta pela autonomia sociocultural de seus povos diante da sociedade global” (LUCIANO, 2006, p. 31).

O poema “Identidade Indígena”

O poema, “Identidade Indígena”, de Eliane Potiguara, foi escrito em 1975, e de acordo com Graça Graúna (POTIGUARA, 2004), foi o primeiro de autoria indígena feminina de língua portuguesa a ganhar publicação de destaque nacional e a driblar a censura e o regime militar na década de 70. Para Gehlen, sua “condição de mulher indígena que usa a escrita como instrumento de luta em favor dos direitos de seu povo, coloca a autora em posição de singularidade no contexto da literatura brasileira” (GEHLEN, 2011, p. 83).

No poema, e em geral, em todo o livro, “Metade Cara, Metade Máscara”, Eliane Potiguara destaca a importância e o valor da cultura ancestral, para a (re) afirmação e a preservação da identidade indígena no presente e no futuro.

Tradicionalmente, na narrativa indígena a permanência do texto oral repousa unicamente na memória do contador/narrador, que pretende facilitar a compreensão e retransmissão pelos ouvintes. Em relação à questão da fidelidade da transmissão oral, Calvet diz que ela está relacionada com os processos de memorização e improvisação, sendo que “cada proferição do contador é uma retransmissão e uma recriação ao mesmo tempo, já que ele é também um artista, que sabe jogar com a organização sintática, com o tom, com a dicção para chegar aonde ele quer chegar” (CALVET, 2011, p. 54-55).

O texto de Potiguara não é convencional, de apreciação ou contemplação da natureza ou de algum aspecto da cultura indígena. Sem se preocupar com a tônica estrutural, mas sim com seu conteúdo, é entremeado de cantos, choro, e exaltação identitária. Fala do presente, lembrando o passado, almejando o futuro. Apesar da coletividade sentida no poema, ele parte da experiência vivida pela autora, retratando sua história. Por isso, pode-se observar pelo emprego linguístico dos pronomes e verbos na primeira pessoa do singular (caio, eu, assumi, minha, sou, carrego, desacreditada, humilhada, eu só, viverei, morderei, encontro), a indicação dos vários momentos vivenciados pela autora, sob o armamento, a dor, a espoliação, a humilhação, a migração, etc.

Quanto à estrutura do poema, suas estrofes não são uniformes e não seguem nenhum padrão; quanto ao estilo, é uma mistura de prosa e poesia. De acordo com Guesse, ao escreverem suas narrativas, os escritores indígenas deixam de lado

toda a complexidade do processo performativo de narrar oralmente, mas “outras características da oralidade, como a repetição, a condensação dos enredos, as expressões que marcam o início e fim das histórias, a informalidade e coloquialidade da linguagem ainda são preservadas” (GUESSE, 2011, p. 6). Desta forma, os escritores indígenas conseguem compor uma obra reflexiva, estética, que se mantém como um produto cultural da comunidade que cada um deles representa.

Um grito de esperança

Apesar de tanta dor e sofrimento do passado, o futuro é visto sempre cheio de esperança e amor. Vejamos a primeira estrofe, com 13 versos:

Nosso ancestral dizia: Temos vida longa! / Mas caio da vida e da morte / E range o armamento contra nós. / Mas enquanto eu tiver o coração aceso / Não morre a indígena em mim e / E nem tampouco o compromisso que assumi / Perante os mortos / De caminhar com minha gente passo a passo / E firme, em direção ao sol / Sou uma agulha que ferve no meio do palheiro / Carrego o peso da família espoliada / Desacreditada, humilhada / Sem forma, sem brilho, sem fama (POTIGUARA, 2004, p. 102-103).

Potiguara parte da experiência individual para a realidade coletiva, pois se torna uma personificação do seu povo, e para além do mais, de todos os povos indígenas da terra. Ela assume o compromisso, numa atitude reverente em relação aos antepassados, de não deixar morrer a indígena dentro dela, ou seja, de não perder a sua identidade, nem tão pouco abandonar o seu povo, na caminhada “em direção ao sol” (p. 102). Eliane carrega o peso da família espoliada, porque ela foi à procura de suas origens e conheceu a história de crueldade e de sofrimento que viveu sua família, que fez com que ela assumisse uma postura de luta no movimento indígena em favor dos direitos dos parentes indígenas, principalmente, daqueles que mais sofrem: mulheres e crianças.

Já no excerto abaixo, ela faz um contraste entre o passado de massacre, pranto e desrespeito ao seu povo, com um futuro radiante, quando milhões, “unidos como cardume”, “brilharão no palco da História”:

Não sou eu só / Não somos dez, cem ou mil / Que brilharemos no palco da História. / Seremos milhões, unidos como cardume / E não precisaremos mais sair pelo mundo / Embebedados pelo sufoco do massacre / A chorar e derramar preciosas lágrimas / Por quem não nos tem respeito (POTIGUARA, 2004, p. 103).

No processo colonizador, os não-índios sufocaram as culturas indígenas. Eles queriam impor aos indígenas, através da aculturação, a perda total de valores e crenças de sua cultura de origem. Todavia, Potiguara conta que “os valores, os conceitos, os princípios, a cosmologia jamais, em tempo algum, foram dizimados pelo colonizador” (POTIGUARA, 2006, p. 89). A autora se orgulha, pelo fato de, mesmo tendo sido criada longe do local de origem de sua família, a aldeia dos Potiguaras, em Pernambuco, não perdeu nunca a herança de seus antepassados, tudo isso, graças à tradição oral, repassada por suas tias, tias-avós, mãe, e demais mulheres indígenas, migrantes de suas terras originais.

A questão da migração indígena também é abordada no poema, “A migração nos bate à porta” (p. 103). Potiguara sentiu na pele esta experiência, quando sua avó, Maria de Lourdes, foi obrigada a ir para o Rio de Janeiro, onde criou seus filhos e netos em um ambiente racista, violento e desrespeitoso. Esta realidade vivida por ela e por muitos outros indígenas viabilizou: alienação cultural, baixa autoestima, perda da relação familiar, alcoolismo, drogas, suicídio, dentre outros males:

A migração nos bate à porta / As contradições nos envolvem / As carências nos encaram / Como se batessem na nossa cara toda hora. / Mas a consciência se levanta a cada murro / E nos tornamos secos como o agreste / Mas não perdemos o amor. / Porque temos o coração pulsando / Jorrando sangue pelos quatro cantos do universo / Eu viverei 200, 500 ou 700 anos / E contarei minhas dores para ti / Oh! Identidade / E entre um fato e outro / Morderei tua cabeça / Como quem procura a fonte da tua força / Da tua juventude / O poder da tua gente / O poder do tempo que já passou / Mas que vamos

recuperar. / E tomaremos de assalto moral / As casas, os templos, os palácios / E os transformaremos em aldeias de amor / Em olhares de ternura / Como são os teus, brilhantes, acalentante identidade (POTIGUARA, 2004, p. 103).

No poema de Potiguara, a identidade é fonte de força para o indígena, que se recupera dos maus tratos, carência, e contradições da História, sem perder o amor, que tem o poder de transformar e curar as feridas do passado. A identidade personifica-se e torna-se íntima da autora, como se sussurrasse nos ouvidos da Identidade, as suas dores. A noção de identidade, estaria estreitamente vinculada à ideia de reconhecimento, ou seja, ela “designa algo que se assemelha à percepção que as pessoas têm de si mesmas e das características fundamentais que as definem como seres humanos” (FIGUEIREDO, 2005, p. 189).

Nas sociedades democráticas, quando se trata de grupos minoritários, ser reconhecido não é uma questão de “necessidade”, mas sim, uma “exigência”, que indica que essas reivindicações dizem respeito a mudanças na legislação desses países em função dos interesses de cada grupo, nas categorias mais diversas como raça, etnia, gênero ou religião. Essa busca por reconhecimento, pela correta afirmação da identidade, é característica de grupos específicos, que passaram por um processo de exclusão ou não reconhecimento, e que se constitui também numa forma de opressão pela cultura hegemônica (FIGUEIREDO, 2005, p. 190).

Quando os versos preconizam um futuro livre da “[...] fome de alma, fome de terra, fome de mata/fome de História” (POTIGUARA, 2004, p. 103), estão apontando o processo de privação histórico, a que foram submetidos os povos indígenas – a privação do direito à terra e dos sagrados templos, que são as florestas, e do direito à construir sua história, sob sua perspectiva e visão.

E transformaremos os sexos indígenas / Em órgãos produtores de lindos bebês guerreiros do futuro / E não passaremos mais fome / Fome de alma, fome de terra, fome de mata / Fome de História / E não nos suicidaremos / A cada século, a cada era, a cada minuto / E nós, indígenas de todo o planeta, / Só sentiremos a fome natural / E o sumo de nossa ancestralidade / Nos alimentará para sempre / E não existirão mais úlceras, anemias, tuberculoses / Desnutrição /

Que irão nos arrebentar / Porque seremos mais fortes que todas as células / cancerígenas juntas / De toda a existência humana (POTIGUARA, 2004, p. 103-104).

Apesar de todo poema ser carregado de uma linguagem denunciatória e de resistência, no final, com a exaltação da identidade, Potiguara se torna mais otimista em relação ao futuro. De acordo com Munduruku, “ela olha para o futuro sabendo que ele se constrói na constante fricção atemporal da memória: só existe um futuro porque há um presente que o projeta tendo como ponto de partida o passado, a memória” (MUNDURUKU, 2008), por isso é importante resgatar a memória do passado. Eliane Potiguara já traz consigo o passado e domina o presente como uma guerreira que é, “isso a torna otimista e são os otimistas que provocam o futuro em construção” (MUNDURUKU, 2008).

Essa visão otimista para o futuro é resultado da aceitação da identidade indígena, que é construída no presente, com a superação do passado, e que proporciona esse orgulho e amor próprio a sua identidade:

[...] E os nossos corações? / Nós não precisaremos catá-los aos pedaços mais do chão! / E pisaremos a cada cerimônia nossa / Mais firmes / E os nossos neurônios serão tão poderosos / Quanto nossas lendas antigas / Que nunca mais trememos diante das armas / E das palavras e olhares dos que “chegaram e não foram”.

Seremos nós, doces, puros, amantes, gente e normal! / E te direi identidade: Eu te amo! / E nos recusaremos a morrer, / A sofrer a cada gesto, a cada dor física, moral e espiritual.

Nós somos o primeiro mundo!

Aí queremos viver pra lutar / E encontro força em ti, amada identidade! / Encontro sangue novo para suportar esse fardo / Nojento, arrogante, cruel... / E enquanto somos dóceis, meigos / Somos petulantes e prepotentes / Diante do poder mundial / Diante do aparato bélico / Diante das bombas nucleares (POTIGUARA, 2004, p. 104).

Potiguara, incluindo todos os povos indígenas, de forma coletiva declara que “essa é a nossa maior herança: a preservação de nossa essência, num mundo impune, cheio de diferenças e preconceitos” (POTIGUARA, 2004, p. 89).² Esta essência é a identidade indígena.

Para Potiguara, ao passarem por diversos massacres culturais, religiosos ou políticos na História, os povos indígenas têm o poder de reascenderem sua identidade étnica, porque “seu inconsciente coletivo, isto é, *sua alma, sua essência*,³ sua quintessência, gritam mais forte que seu ego” (POTIGUARA, 2004, p. 90). Para ela, existe uma luta dentro de cada indivíduo, entre a alma e o ego. Essa luta é que determina se a essência e a cosmologia indígena irão vencer. A luta contra o ego é a luta do ser humano contra “uma cultura que impõe valores dominantes como machismo, racismo, intolerâncias, discriminações, preconceitos, xenofobias, falso moralismo” (POTIGUARA, 2004, p. 88). Para vencer, é necessário ao homem e à mulher fortalecer o seu *eu interior*, através de “[...] uma viagem ao inconsciente coletivo em busca de nossas raízes étnicas raciais, [e] espirituais [...]” (POTIGUARA, 2004, p. 87).

Na última parte do poema, “Nós povos indígenas, / Queremos brilhar no cenário da História / Resgatar nossa memória / E ver os frutos de nosso país, sendo divididos / Radicalmente / Entre milhares de aldeados e ‘desplazados’ / Como nós” (POTIGUARA, 2004, p. 104), a figura de milhões de índios parece utópica, mas pode ser resultado de um processo de valorização e resgate da cultura e identidade ancestrais, somados à conquista e efetivação dos seus direitos básicos, como por exemplo, o direito à saúde, educação e desenvolvimento. Somente assim, garantiriam uma expectativa de qualidade de vida maior, assegurados principalmente pelo direito às suas terras, que são, na verdade, a base da organização social indígena, pois sem este direito fundamental proclamado na Constituição de 1988, os outros direitos não podem ser supridos. Estes direitos “independem da existência ou não da demarcação ou de qualquer reconhecimento formal das suas terras por parte do Estado. Os direitos dos índios são originários,

² Grifo original.

³ Grifo da Autora.

decorrentes da sua conexão sociocultural com povos pré-colombianos” (BAINES, 2008, p 11).

Considerações Finais

Por muito tempo, a participação do indígena na literatura ocorreu de forma passiva. Existe em nosso país uma literatura indianista ou indigenista desenvolvida por autores não indígenas que escreveram sobre o indígena da perspectiva eurocêntrica, sem valorizar a cultura e a história dos povos indígenas. Apesar da voz de autoria indígena não ter sido ouvida nos últimos séculos, nas últimas décadas, escritores e escritoras indígenas têm procurado se expressar através da palavra escrita, e tem configurado um movimento de resistência e crítica à forma como foram retratados na História. A literatura ou autoria indígena está em construção e tem sido uma ferramenta, para a (re) construção e (re) afirmação das identidades indígenas.

Fortalecidos pelo crescimento numérico e pelos movimentos de autodeterminação, os povos indígenas têm tomado cada vez mais consciência de que podem lutar pelos seus direitos, suas terras, afirmação das suas identidades, manutenção de seus territórios e valores culturais, etc. Muitos indígenas estão superando o estigma da colonização e recuperando sua autoestima, autonomia e dignidade histórica, tendo como base a reafirmação de sua identidade étnica e o orgulho de ser índio.

O texto de Potiguara é exemplo de que a identidade é fonte de força para o indígena, que, sem perder a esperança, pode sonhar com um futuro onde pode brilhar no palco da História, sem temer qualquer tipo de extermínio. O autor deste trabalho toma parte nessa autoafirmação indígena, pois por muito tempo sofreu calado com o preconceito do olhar e das palavras, por parte daqueles que não aprenderam a respeitar e a valorizar o outro com suas diferenças e singularidades, mas que tudo superou, ao assumir a sua identidade indígena e resgatar a essência de ser guerreiro guarani e lutar em favor do seu povo, com uma arma tão poderosa que é a palavra, que nos faz mais fortes.

Referências

- BAINES, Stephen. **Identidades Indígenas e ativismo político no Brasil**: depois da Constituição de 1988. In: Série Antropologia. V. 418. Brasília: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2008, pp.6-18.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 14 nov. 2019.
- CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral & Tradição escrita**. In: GUESSE, Érika Bergamasco. Da Oralidade à Escrita: Os mitos e a literatura indígena no Brasil. In Anais do SILEL. v. 02, n. 02. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- FIGUEREIDO, Eurídice. (org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. Editora UFJF/EdUFF: Juiz de Fora, 2005.
- GEHLEN, Rejane Seitenfuss. **Identidade de Eliane**: A face potiguara, a máscara indígena e o eco das vozes silenciadas. In: Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Boitatá, Londrina, n. 12, p. 81-103, jul-dez 2011.
- GUESSE, Érika Bergamasco. **Da Oralidade à Escrita**: Os mitos e a literatura indígena no Brasil. Anais do SILEL. v. 02, n. 02. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. 233 p. (Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes n. 1).
- MUNDURUKU, Daniel. **Metade cara, metade máscara**, 2008. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/metade-cara-metade-mascara>>. Acesso em 18 nov. 2019
- POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**, São Paulo: Global Editora, 2004.